

## "O QUE RESTA ACIMA DOS NOSSOS OMBROS?": UMA APRECIÇÃO DA OBRA POLEGARZINHA, DE MICHEL SERRES

Nicolas Veregue Ruiz<sup>1</sup>

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. (Trad. Jorge Bastos). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96p.. ISBN: 978-85-286-1646-0.

A obra originou-se de um discurso proferido pelo filósofo Michel Serres na Academia Francesa, em 2011, cuja escrita é fluída e poética, livre e cativante, "descompromissada" com o academicismo objetivista. Dividido em três segmentos, o primeiro, "Polegarzinha", traz um panorama cultural, social e político dos jovens (ocidentais) do século XXI e a intermediação com as tecnologias seculares; "Escola", segundo segmento, questiona a função da escola e de espaços similares (universidades, templos religiosos, etc.), sobretudo do conhecimento, em meio à rapidez e criatividade dos polegares, e ao final do texto, "Sociedade" encerra seu pensamento, abrindo portas para questionar (noss)as identidades e multiplicidades contemporâneas inacabadas.

Michel Serres nos deixa com mais dúvidas que respostas prontas e acabadas. O autor realiza um percurso necessário e reflete, esperançoso, sobre aqueles/as que têm o conhecimento ao alcance da ponta dos dedos.

Nossa inteligência saiu da cabeça ossuda e neuronal. Entre nossas mãos, a caixa-computador contém e põe de fato em funcionamento o que antigamente chamávamos de "faculdades": uma memória mil vezes mais poderosa do que a nossa; uma imaginação equipada com milhões de ícones; um raciocínio, também, já que programas podem resolver cem problemas que não resolveríamos sozinhos. Nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada. [...] **O que resta acima dos nossos ombros?** A intuição inovadora e vivaz. De dentro da caixa, o aprendizado nos permite a alegria incandescente de inventar. Combustão: estamos condenados à inteligência? (SERRES, 2013, p. 36 – grifo meu)

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). nicolasveregue@gmail.com.

✉ DGEO - Departamento de Geociências. Rodovia Celso Garcia Cid, Campus Universitário. Caixa Postal 10.011, Londrina, PR. 86057-970.



Este livro-ensaio veio ao meu encontro na disciplina de Didática da Geografia e Estágio Supervisionado, momento ímpar e crucial na formação do professor de Geografia. Acostumado com as importantes discussões e com as leituras do sociólogo Zygmunt Bauman (2008; 2011), feitas em outras disciplinas do curso, conceituando e apresentando consequências sobre a nossa

sociedade do consumo, hipercapitalista e líquida, ler Serres parece uma brisa leve (e insistente) que persegue o rosto em um dia quente, um momento de tranquilidade em meio a tantas efervescências e dúvidas vividas, próprias dessa fase final da graduação.

O texto nos apresenta **as(os) polegarzinhas(os)**, esse **adjetivo-título** pode até parecer um tanto quanto “infantil”, porém a discussão é profícua, profunda e insistente, em uma era tecnocrata em que o conhecimento, aparentemente, não está mais em nossas mentes, nem na oralidade, nem nos livros, está nas pontas dos polegares ou ao alcance deles, prontos para serem lidos, acessados e compartilhados, imediatamente. Jovens periféricos e centrais, brancos e negros, franceses, senegaleses e brasileiros, ricos e pobres... São sobre esses que Serres descreve.

Polegarzinhos(as) são inquietos, irresponsáveis, efêmeros e desatentos? Serres não se importa, apaixonado por eles/as, declarando alegremente, sua própria obsolescência, enquanto filósofo, epistemólogo e pensador. Certo ou errado, nós deveríamos, todos os dias, questionar o nosso papel enquanto produtores do conhecimento científico, pois afinal, a que(m) ele serve? Também declaramos nosso fim ou somos egoístas ao ponto de achar que a mudança não vem, não aniquila e/ou não transforma?

Outras cabeças, outros corpos, de outros tempos, pertencentes a outros espaços, também virtuais. Somos, necessariamente, outros (as), vivenciamos outra história e experienciamos aquilo que nossos antepassados jamais sonhariam. As distâncias físicas encurtaram, as relações interpessoais ficaram, ao mesmo tempo, estreitas, distantes e oblíquas. A forma como aprendemos e o que aprendemos se transforma cada dia mais rápido.

Culturas e vontades híbridas, desintegração das antigas utopias e (re)criação de outras, não-pertencimento e desenraizamento do lugar,

coletividades individualizadas, espaços que não têm mais o mesmo valor e as mesmas funções, pessoas outras permeando e ocupando esses espaços cada vez mais diversificados. Multiplicidade(s) das expressões e da(s) crise(s) econômica(s), política(s), social(is) e de valores.

Serres questiona, indaga e provoca, não dá respostas pois não precisamos delas. Ele nos faz refletir sobre o papel do conhecimento e dos saberes e, conseqüentemente, sobre os **espaços ofuscados** (escolas, universidades...) onde são transmitidos/construídos esses saberes, da forma que eles estão (sendo) sistematizados e colocados, em contraponto a essa geração *online*, cada vez mais veloz, que acessa a informação da maneira mais instantânea possível.

Diante dessas transformações, sem dúvida é necessário **inventar novidades inimagináveis**, fora do âmbito habitual que ainda molda nossos comportamentos, nossa mídia, nossos projetos originados na sociedade do espetáculo. Vejo em nossas instituições o mesmo brilho das constelações que os astrônomos nos dizem ter morrido há muito tempo (SERRES, 2013, p. 30 – grifo meu).

**Invenção** é a palavra de (des)ordem, o olhar criativo, inventivo e imaginativo ao contemporâneo e ao cotidiano. Reinvenção dos espaços e das espacialidades. Superar e reinventar o **formato-página** e/ou **formato-livro**, superar a reprodução da reprodução do(s) saber(es) e criar. Ser (professor (a)) não é estar pronto(a), formatado(a), ser é/estar em constante transformação e recriação.

A era das complexidades? Oralidade e escrita estão com os dias contados? É hora de pensar nas externalidades, no olhar, naquilo que é diferente, no que **não está posto, não está no centro, nem nas páginas, nem nos livros**, naquilo que não é definido (ou definitivo). Na(s) periferia(s), naquilo que **não foi pensado**, no que é **tabu**, em simbioses de saberes, no cotidiano, numa ciência e universidade plurais,

diversas, em existências, na experiência, na participação popular, nos movimentos sociais, na cultura, na arte, na política participativa, em recriar as cidadanias.

Mas ora, o que resta, ainda, acima dos nossos ombros? Justamente, o resquício da capacidade de questionar e problematizar. Estar imerso dessa realidade altamente tecnológica e mirar além dela, desconstruir-se. Saber que caminhamos para frente e devemos reconhecer as contribuições daqueles/as que não ocupam, nem ocuparão as carteiras na/da universidade, nem povoam nossas mil-e-umas referências bibliográficas.

As chamas consomem a árvore cada dia mais e mais, irreversivelmente, importante, dança, **caleidoscópica**, o fogo emana e aquece, quer destruir os monstros mortos e aqueles monstros que ainda resistem ao inevitável falecimento e desaparecimento, o fogo não se apagará, o fogo não quer se apagar, fogo também é brisa suave, mas constante e incansável. ☺

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. (Trad. Carlos Alberto Medeiros) Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. Vida apressada, ou desafios líquidos modernos para a educação. In: \_\_\_\_\_. **A ética é possível num mundo de consumidores?** (Trad. de Alexandre Werneck) Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. (Trad. Jorge Bastos) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96 p.